

APRENDER PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE) EM CURSO LIVRE A DISTÂNCIA: REFLEXÕES E ANÁLISE DE CASO.

Lilian Vieira da Rocha Ribeiro
Universidade de Huelva (Espanha)
Elísio Soares Santos Júnior
Universidade de Brasília (Brasil)

Resumo

O Projeto EMPOR é iniciativa de uma equipe abrigada num projeto multi-institucional e multidisciplinar por iniciativa da Xunta de Galicia, na Espanha, apoiado pela União Europeia, por meio de recursos do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, tendo sua primeira fase sido concluído em dezembro de 2014 com a disponibilização de material online. O principal objetivo desse projeto é o de elevar o nível de empregabilidade dos cidadãos europeus e a competitividade das empresas por meio da aquisição de competências linguísticas e culturais em Português. O curso de PLE oferecido no âmbito do Projeto EMPOR abrange os níveis A1 e A2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CONSELHO DA EUROPA, 2001) e é totalmente online. Como participantes da equipe brasileira do Projeto EMPOR, nos propusemos a refletir sobre formas de transcender a produção de materiais e oferta universal do curso aberto e, nesta apresentação, pretendemos abordar algumas referências fundadoras do Ensino de Línguas A Distância (ELAD) à luz de pressupostos correntes da teoria de aquisição de segundas línguas e do Ensino a Distância, analisar observações de um piloto realizado na Universidade de Brasília, além de discutir características desejáveis que se apresentam para cursos independentes de línguas a distância como esse e, por fim, apresentar conclusões e possíveis caminhos nesse cenário promissor de cursos livres na rede que têm se popularizado bastante a cada ano.

Palavras chave: ensino de línguas a distância, PLE AD, aquisição em ambientes de ELAD, comunidades de apoio no ELAD

1. Introdução

A internet tornou-se “a bola da vez”. É onde as pessoas se comunicam e aproveitam os benefícios de estudar, ler livros, assistir a vídeos, comprar e pesquisar produtos, dentre

outras atividades, tudo sem sair de casa. Embora a internet não tenha sido criada para a educação, este é o setor que mais se beneficia desta tecnologia. De fato, o número de pessoas que utilizam a internet para estudar é cada vez maior.

Assim, utilizando-se de tecnologias de informação e comunicação, a Educação a distância (EAD), transpõe obstáculos e pode ser considerada a mais democrática das modalidades de educação, pela flexibilidade em poder atender a indivíduos que estão distantes fisicamente dos locais onde são ministrados os conhecimentos ou àqueles que não podem estudar em horários pré-estabelecidos.

Por sua vez, o ensino de línguas a distância (ELAD), possibilitado pela internet, se beneficiou com as diversas possibilidades de conhecimento e contato com materiais, recursos, ferramentas e interação com falantes da língua-alvo, conhecidos como falantes nativos. Estes cursos são apresentados ao público procurando atender às necessidades dos indivíduos, que denominaremos aprendentes, que querem aprender a língua por diversos motivos, tais como: viagens, estudos, capacitação profissional, etc. Porém, sabemos que nem todas as pessoas são iguais, nem todas aprendem do mesmo modo, nem com os mesmos métodos, pois compreendemos que a aprendizagem é algo complexo.

Pensando no ensino de línguas a distância e, tendo em vista diferentes tipos de pessoas em suas diferentes formas de aprender, nos propusemos a refletir sobre este tema, que apresenta um cenário de crescimento promissor.

MARCO TEÓRICO

2.1 A internet, a educação a distância e os cursos de línguas a distância

Com a internet, muitas mudanças ocorreram na sociedade. A respeito destas mudanças, Kenski (2012:21), afirma: o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos.

Muitos benefícios para o ensino, e especificamente para o ensino de línguas, podemos encontrar com a evolução tecnológica. Compreender as tecnologias como boas ou más, vai depender do uso que fazemos dela. Nesse sentido, Belloni considera que podem trazer benefícios se usadas corretamente:

[...] as tecnologias são boas (ou más) em si, podem trazer grandes contribuições para a educação, se forem usadas adequadamente, ou apenas fornecer um revestimento moderno a um ensino antigo e inadequado. É essencial, porém, que tenhamos consciência de que sua integração à educação já não é uma opção: estas tecnologias já estão no mundo, transformando todas as dimensões da vida social e econômica; cabe ao campo educacional integrá-las e tirar de suas potencialidades comunicacionais e pedagógicas o melhor proveito. O que exigirá dos sistemas educacionais grandes esforços de imaginação pedagógica e um volume considerável de investimentos financeiros (BELLONI, 2003, p. 104)

A autora aborda as tecnologias usadas na educação em todas as modalidades de ensino, ou seja, presenciais ou a distância. Salientamos a necessidade de uso adequado e de aproveitar todas as suas potencialidades.

Neste artigo, ao abordar a educação a distância (EAD), nos referimos neste artigo à quinta geração, pois a EaD acabou sendo dividida em gerações. Não existe uma data consensual que marque o início da Educação a distância, o que se evidencia são diferentes modelos de EAD, vinculados historicamente ao desenvolvimento das tecnologias de produção, distribuição e comunicação.

Na imagem a seguir, podemos encontrar as cinco gerações da EAD.



Figura 1 – Cinco Gerações de EAD

Fonte: Estivalet (2012).

Sobre a Educação a distância, Aretio (1987) afirma que:

A educação a distância tem sido considerada por diferentes teóricos como ‘modalidade’, ‘forma’, ‘estratégia educativa’, ‘sistema didático’, ‘organização’, ‘método’, ‘metodologia’ ou ‘processo educativo’, e também

como sinônimo de ‘instrução por correspondência’, ‘instrução a distância’, ‘teleducação’ e ‘aprendizagem a distância’

Procurando explicar o significado de EAD, Paiva (1999: 1) afirma:

entendo educação a distância (EAD) como um processo educativo que envolve meios de comunicação capazes de ultrapassar os limites de tempo e espaço e tornar acessível a interação com as fontes de informação e/ou com o sistema educacional de forma a promover a autonomia do aprendiz através de estudo independente e flexível.

Chaves (1999), por sua vez, afirma que:

A Educação a Distância, no sentido fundamental da expressão, é o ensino que ocorre quando o ensinante e o aprendente estão separados (no tempo ou no espaço). No sentido que a expressão assume hoje, enfatiza-se mais a distância no espaço e propõe-se que ela seja contornada através do uso de tecnologias de telecomunicação e de transmissão de dados, voz e imagens (incluindo dinâmicas, isto é, televisão ou vídeo). Não é preciso ressaltar que todas essas tecnologias, hoje, convergem para o computador.

Maia & Mattar (2007) afirmam que a EAD atualmente é praticada nos mais variados setores. Ela é usada “na Educação Básica, no Ensino Superior, em universidades abertas, universidades virtuais, treinamentos governamentais, cursos abertos, livres etc.” Além de ser praticado em vários setores, os tipos de cursos oferecidos são diferentes, oferecidos por empresas ou por autônomos.

Em relação a cursos de línguas, observamos que existem diferentes tipos de cursos a distancia, só pra citar alguns, há cursos livres e abertos (de acesso gratuito ou pago), cursos fechados para grupos específicos de estudantes, cursos regulares promovidos por instituições de ensino, cursos em comunidades de aprendizagem ou aprendizagem individual, com presença de tutor ou professor, há cursos com correção de atividades por outros aprendentes e há professores ou falantes nativos que se propõem a ensinar por meio da internet e utilizam vídeos, podcast ou e-mails para suas aulas. Os cursos oferecidos de forma autônoma nem sempre contam com um professor formado e com habilitação para a docência. Encontramos, portanto, muitos “aventureiros”, “falantes nativos” ou não, dispostos a ensinar a língua-alvo, com o uso de correio eletrônico, vídeos, podcast ou plataformas virtuais. Há ainda os que utilizam ferramentas de debate online, como Skype,

No ensino de línguas a distância, os cursos atraem estudantes principalmente pela flexibilidade, gratuidade ou baixo custo e pelo interesse que este estudante tem de aprender a língua-alvo. Motivos como viagens, intercâmbios de estudo, capacitação ou aperfeiçoamento profissional também podem ser atratores para esta modalidade de ensino.

2.2 Referências e aspectos que se destacam no ELAD

Ao pensar nas referências para o ELAD, procuramos as teorias de ensino e aquisição de segundas línguas e línguas a distância. Consideramos mais apropriado ver a aquisição como um sistema complexo, pois de acordo com Paiva (2009):

como qualquer outra aprendizagem, a aprendizagem de uma língua, não é um processo linear, e sendo assim, não pode ser tão previsível quanto tem sido hipotetizado em alguns modelos de aquisição. Desta forma, sabe-se que diferenças mínimas nas condições iniciais de aprendizagem podem produzir resultados muito diferentes.

Larsen-Freeman (2000) considera que a linguagem e a ASL devem ser vistas como um sistema adaptativo complexo; um fenômeno dinâmico, não linear, adaptativo, sensível ao feedback, auto-organizável e emergente.

Nessa direção, Paiva afirma que:

Larsen-Freeman (1997) é pioneira em tratar a aquisição de segunda língua (ASL) como um fenômeno complexo. A partir daí muitos estudos foram feitos e continuam sendo feitos à luz da teoria da complexidade/caos – vejam, por exemplo, de Bot, Lowie e Vespoor (2007), Larsen-Freeman e Cameron (2008), Ellis e Larsen-Freeman (2009), Paiva (2005 e 2009) e Paiva e Nascimento (2009).

Nos fundamentamos em alguns teóricos sobre tecnologia educacional e as teorias de ensino online. Assim, pesquisadores como Behar (2009, 2013), Kenski (2003, 2013), Palloff e Pratt (2004), Paiva (1998, 1999, 2004 e 2013), Ramos e Medeiros (2009), Azevedo (2005), Caldeira (2004), Silva (2010), dentre outros autores, iluminaram esta investigação sobre estas teorias que, por sua vez, fundamentam a educação a distância.

Consideramos os estudos sobre autonomia como fundamental para o ELAD e, em relação à autonomia na aprendizagem e no ensino de línguas, destacamos neste artigo as

contribuições de Moura Filho (2005), Dickinson (1995), Little (1991), Taillefer (2000), Cotterall (1995) e Franco (2013).

De acordo com Franco (2013) na opinião dos autores Little, 1991; Dickinson, 1995 e Cotterall, 1995, a autonomia está relacionada, fundamentalmente, à responsabilidade que o aprendiz possui sobre a sua própria aprendizagem. A partir do momento em que o indivíduo passa a ter controle da própria aprendizagem, buscando fontes que o ajudem a desenvolver seu potencial, ele adquire graus de autonomia. Em termos práticos, isso significa dizer que o aluno desenvolve uma postura cada vez mais autônoma ao assumir maior responsabilidade por componentes essenciais na aprendizagem, desde especificar os objetivos e conteúdos de estudo, através da seleção de métodos e técnicas, até monitorar e avaliar o próprio processo de aprendizagem.

Enfatizamos que cuidar de sua aprendizagem, em contexto AD ou em qualquer contexto, não significa isolamento. Nesse sentido, Little (1990:7) afirma que o isolamento total é característica principal e determinante do autismo e não da autonomia.

Moura Filho (2005:226) explica que no modelo de aprendizagem autônoma, o (a) aprendiz tem seus horizontes ampliados ao poder participar ativamente das decisões sobre como ele (a) aprenderá a nova língua.

Nessa perspectiva, Caldeira (2004: 3) afirma que a assincronicidade e a independência de lugar para realização do curso fazem do ensino a distância uma forma mais flexível e adaptada às condições dos estudantes, mas por sua vez exigem maior autonomia e disciplina.

Esta independência de lugar, um dos motivos que atraem estudantes para o ELAD é evidenciado por Kenski (2012, p.32) no seguinte excerto:

Em princípio, a revolução digital transforma o espaço educacional. Nas épocas anteriores, a educação era oferecida em lugares físicos e “espiritualmente” estáveis; nas escolas e nas mentes dos professores. O ambiente educacional era situado no tempo e no espaço. O aluno precisava deslocar-se regularmente até os lugares do saber – um campus, uma biblioteca, um laboratório – para aprender. Na era digital, é o saber que viaja veloz nas estradas virtuais da informação. Não importa o lugar em que o aluno estiver: em casa, em um barco, no hospital, no trabalho. Ele tem acesso ao conhecimento disponível nas redes, e pode continuar a aprender.

2.3 O Projeto EMPORT e outros cursos livres a distância

Como colaboradores do Projeto Emport na equipe brasileira da Universidade de Brasília, decidimos aprofundar algumas questões e elaboramos um projeto piloto na Universidade de Brasília, na qual convidamos os estudantes do NEPPE, que é o Núcleo de ensino de Português para Estrangeiros, que atende estrangeiros de todas as nacionalidades, no ensino da língua portuguesa e na preparação de estudantes estrangeiros para as provas de proficiência de Português Celpe-Brás. Nossa intenção inicial foi observar como os estudantes percebiam o curso Emport, para propor melhorias.

O Projeto Emport, é uma iniciativa de uma equipe abrigada na Xunta de Galicia, na Espanha, apoiada pela União Europeia através do Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida, que iniciou em novembro de 2012 foi concluído em outubro de 2014. Este projeto teve como principal objetivo elevar o nível de empregabilidade dos cidadãos europeus e a competitividade das empresas por meio da aquisição de competências linguísticas e culturais em Português, dando especial atenção à variante brasileira. Este projeto visa beneficiar os seguintes grupos: 1. Funcionários de empresas interessadas em aprender português para um melhor desempenho em seu trabalho, quando já estão trabalhando com os países lusofalantes, ou simplesmente para a promoção profissional, sendo conscientes da importância do português para negócios internacionais; 2. adultos atendidos em cursos em diferentes organizações que desejam melhorar as suas competências linguísticas para a melhoria pessoal ou profissional; 3. Estudantes universitários e de formação profissional, especialmente em cursos de negócios relacionados nas áreas em que Portugal, Brasil e outros países de língua portuguesa são relevantes, tais como os setores de pedra, têxteis, sapatos, etc.; 4. As universidades, organizações de formação profissional e outras organizações que implementam cursos de educação e formação tendo como objetivo os negócios internacionais.

O curso de PLE oferecido no âmbito do Projeto Emport abrange os níveis A1 e A2 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (2001) e é totalmente *online*, sem a participação de professores ou tutores, sem a indicação de tarefas pré-determinadas, deixando o aprendente bem à vontade para seguir seu curso de aprendizagem.

Valorizamos a iniciativa deste projeto ao pensar na empregabilidade, pois visa a atender uma necessidade de formação que a sociedade exige. Nesta direção, vemos no ELAD um grande potencial para que haja uma redução das desigualdades, pois percebemos que o ensino a distância constitui um componente importante no processo de redução da exclusão social, porque facilita o acesso aos que estariam excluídos por falta de condições

financeiras, ao oferecer cursos gratuitos ou de baixo custo. Entendemos, assim que tornar os cidadãos aptos ao mercado de trabalho ou melhor preparados para atuar dentro dele, significa oferecer oportunidades que devem estar sempre comprometidas com a qualidade.

Para realizar este curso, percebemos que, além do interesse pela língua, torna-se fundamental que o aprendiz tenha autonomia. Sobre a autonomia, Taillefer (2000, p. 22), afirma “entendemos por autonomia de aprendizagem a situação do aprendiz quando se sente seguro para decidir o que aprender, como aprender, quando aprender”. Já no contexto de ensino de línguas, Holec (1981: 3) afirma que a autonomia é “a habilidade de cuidar de sua própria aprendizagem”.

Ramos e Medeiros (2009), levantam diversas questões sobre a aprendizagem em contexto presencial e a distância e também destacam a importância da autonomia, na seguinte afirmação:

[...] no ensino presencial, fomos condicionados a acreditar que só podíamos aprender se alguém se dispusesse a nos dar aulas, ou seja, se alguém nos explicasse e desenvolvesse os conteúdos a serem aprendidos. Esperávamos que alguém nos ensinasse por acreditarmos que somente assim poderíamos aprender. Mas na educação a distância, as coisas são diferentes: os programas são planejados e desenvolvidos para que o estudante perceba os materiais específicos que irá utilizar, aonde buscar orientações para sanar suas dúvidas, para que possa construir a própria aprendizagem de forma autônoma, independente.

Na mesma direção, Area (2007), referindo-se ao contexto de educação a distância, afirma que “O estudante deve tornar-se protagonista da formação. Os alunos devem ter grande autonomia”.

Para seguir as lições do curso, deve-se estabelecer uma agenda de estudos e segui-la. Em nossa visão como professores, percebemos que, no caso de cursos como este do Projeto Emport, há a necessidade de um bom manual de aluno (Guia do Aluno AD), pois entendemos que um bom manual serve a muitos propósitos. Um exemplo é o Manual do aluno da Faculdade Estácio (2011) citada por Rocha-Ribeiro (2014:47), no qual encontramos as seguintes orientações.

Para você ter um bom desempenho no seu curso a distância é importante que seja uma pessoa proativa, empreendedora e que seja autônoma no seu processo de ensino-aprendizagem.” [...] Manual é um conjunto de normas e procedimentos importantes para sua vida acadêmica.

Assim, consideramos o valor de um manual em todo e qualquer curso a distância, para orientar e posicionar o aprendente em relação às suas funções no curso. Neste manual, que é um instrumento fundamental para a instituição e para o estudante, é possível identificar responsabilidades e também dificuldades que um aprendente pode encontrar ao matricular-se em um curso a distância e lançar um olhar atento às orientações, a fim de sanar problemas e/ou dúvidas.

A organização é uma das características que reiteradamente se repete nas sugestões ou conselhos para o desenvolvimento da aprendizagem a distância. Ramos e Medeiros (2009:6) fazem a seguinte recomendação:

[...] a educação a distância espera que cada estudante decida, conduza e controle o seu processo de aprendizagem. Os estudantes adultos têm diferentes capacidades para tomar decisões respeitando o seu próprio estilo de aprendizagem.

Outro fator que revela-se como preponderante para o sucesso do EALD é o fator motivacional. Neste sentido, é essencial que o aprendente esteja motivado, considerando que este ensino requer um nível de disciplina e autonomia mais elevado do que em cursos presenciais tradicionais.

Na visão dos autores, os aprendentes precisam ter metas pessoais estabelecidas por eles próprios ou pelo curso, de maneira colaborativa ou não, e estabelecer horários de estudo dentro de um cronograma específico. Deixar o curso aberto, sem metas e prazos, pode levar o aluno ao descaso e descompromisso com o curso, ou pior, deixar que o aluno acumule uma carga muito grande de tarefas que mais tarde irá inviabilizar a continuidade do curso.

Essa forma de “controle” do comportamento do aprendente durante o curso visa a conformá-lo a uma realidade já verificada de perfil de aluno mais apropriado ao ELAD (Santos Junior, 2011), evitando que o aprendente desista do curso no meio de sua jornada, seja por frustração ou por se considerar incapaz de prosseguir diante da grande quantidade de tarefas a cumprir.

Além disso, é preciso que o curso especifique as configurações mínimas necessárias para acesso ao ambiente virtual onde o curso será conduzido para que o aprendiz possa ter acesso a todas as funcionalidades do curso, caso contrário, pode ser desestimulado logo no início, quando não conseguir acesso a algum vídeo ou podcast, por exemplo.

Lançando um outro olhar sobre o Projeto Emport, observa-se que neste curso se destaca a auto-aprendizagem. A respeito da auto-aprendizagem, Silva (2010:40) aponta que:

nas práticas convencionais de EAD, temos a auto-aprendizagem como característica fundante, ou seja, o cursista recebe o material do curso com instruções que envolvem conteúdos e atividades, elabora sua produção individual, retornando-a, via canais de feedback, ao professor-tutor. Assim a aprendizagem é construída e mediada pelo material didático produzido à luz de um desenho instrucional. A instrução unidirecional é o centro do processo. O sujeito aprende solitário e no seu tempo, e o material didático estático tem um papel muito importante.

Nessa direção, ressaltamos que não há entrega de tarefas ou feedbacks no curso Emport. Salientamos, porém, a possibilidade de ser utilizado em aulas presenciais e também em plataformas virtuais de acesso gratuito. Nesse aspecto, cabe ressaltar que a presença de tutores e/ou professores poderão contribuir muito para que este valioso material possa ser bem aproveitado e iniciativas como esta da Xunta de Galicia com seus parceiros, possam ser sempre valorizadas e bem aproveitadas visando a aprendizagem de línguas e atender à necessidade de formação nesse contexto tão promissor.

Voltamos a nos referir aos cursos de de maneira global e salientamos que é muito importante que o aprendiz selecione bem o curso que vai realizar e procure investigar mais sobre ele, antes de se lançar numa plataforma ou espaço online. Em pesquisas realizadas por nosso grupo de investigação denominado ELAD, na Universidade de Brasília, constatamos, após analisar diversos cursos e plataformas de ensino de línguas oferecidos na internet, que muitos destes cursos não tem um compromisso sério com a qualidade e veracidade das informações, apresentando vocabulários e pronúncia equivocada, contam com a participação de leigos na elaboração do material e das lições, além de apresentarem estereótipos dos habitantes dos países e uma comunicação com nativos que podem não ser qualificados ou apresentarem outros interesses que poderiam significar riscos para os estudantes, uma vez que o acesso é livre e há poucas exigências para participar do ambiente, corrigindo tarefas e se comunicando com outros aprendizes.

Rocha-Ribeiro, autora deste artigo, ao utilizar a ferramenta “chat” em uma comunidade virtual de aprendizagem de línguas totalmente aberta e gratuita, encontrou um “falante nativo” que ensinava tudo errado de forma proposital; como ela já tinha certo conhecimento da língua-alvo, começou a questionar o interlocutor, que imediatamente informou que não continuaria a conversar com ela, porque ela já sabia a língua.

Desta forma, pensando em diversos problemas que alguns cursos oferecidos na internet podem apresentar, consideramos a importância do envolvimento de instituições sérias nesse ramo de atividade. Valorizamos também iniciativas b-learning, ou semi-presencial e também iniciativas em AVA (Ambientes virtuais de aprendizagem), nos quais os estudantes possam ter um acompanhamento de um tutor experiente e possa encontrar outros aprendizes, com quem possa dialogar e ser estimulado a uma aprendizagem participativa, com trocas de experiências em fóruns e chats, com uso de ferramentas que estimulem as habilidades orais da língua e que fomentem a afetividade no ambiente, atendendo ao público que encontra dificuldade em aprender sozinho e desenvolvendo outras habilidades em grupo.

Devemos pensar o ELAD como um espaço de aprendizagem, no qual o aluno de línguas precisa desenvolver a competência comunicativa e propiciar uma boa formação considerado este aspecto como fundamental.

A respeito do ambiente online, em relação à aprendizagem, Silva (2010:47), de forma determinada, afirma que

não é o ambiente *online* que define a educação *online*. O ambiente/interface condiciona, mas não determina. Tudo dependerá do movimento comunicacional e pedagógico dos sujeitos envolvidos para a garantia da interatividade e da cocriação. Acreditamos que aprendemos mais e melhor quando temos a provocação do “outro” com sua inteligência, sua experiência.

Nesse sentido, Area (2007) afirma a necessidade de “adequar os objetivos e métodos de ensino ao novo contexto da sociedade da informação requer repensar as formas de atuação docente, os processos de aprendizagem, assim como os objetivos, formas de ensino.

No ensino a distância em plataformas virtuais, destacamos a importância do trabalho do tutor e/ou professor e acompanhamento mais próximo, visando a superação das dificuldades, usando a língua com os alunos para expressar ideias/significados que lhes pareçam interessantes e relevantes; dando explicações para fatos da língua que não

possam ser captados diretamente pelos aprendizes; que digam se os participantes estão avançando no desempenho e o que devem fazer para melhorar; que procure envolver o aluno em muitas e boas ocasiões de uso da língua-alvo; que aliviem pressões que, porventura, surjam e que os tornem mais motivados e confiantes; auxilie o aprendente a se conhecer melhor como sujeito de aquisição de uma nova língua e cultura; não permita que os aprendentes se sintam sozinhos no ambiente, estimule o trabalho colaborativo e a interação no curso.

A respeito do trabalho da tutoria e dos professores, tornam-se pertinentes as considerações de Santos (2011 :317). O autor afirma:

O exercício da mediação pedagógica em tal contexto demanda um tutor ou professor capaz de potencializar a autonomia, a motivação para aprender e as singularidades de um processo que se constrói pela interatividade do grupo. Em consequência, os novos papéis docentes na sala de aula virtual são, sobretudo, aqueles relacionados com a gestão de situações educativas virtuais, descentralizadas, geograficamente dispersas, sem a perda dos fios condutores, os quais devem conduzir os alunos à conclusão das interações e à realização dos objetivos de aprendizagem previstos, fazendo com que se sintam conectados e em permanente atividade de trabalho.

Referindo-se à presencialidade nos cursos a distância, Zuin (2006), afirma que “ um dos grandes desafios do ensino a distância é o de fornecer condições para que os professores ausentes se tornem presentes.” Assim, percebemos que a educação a distância não substitui o professor, como muitos afirmam e temem.

Pensando nos cursos oferecidos em ambientes virtuais, destacamos sobre espaço e tempo, as considerações de Kenski (2013:126). A autora afirma:

A grande possibilidade dos ambientes virtuais de aprendizagem não se dá apenas pela ampliação dos espaços de aprender, mas na relação expandida com a temporalidade dos processos de ensino-aprendizagem ali oferecidos. O tempo dos ambientes virtuais é diverso e infinito. Presente, passado e futuro se mesclam em muitas ações - síncronas e assíncronas -, sobretudo as mais interativas, como chats, wikis, e o fórum por exemplo.

O que nos parece positivo em relação aos cursos de línguas em ambientes virtuais (AVA), é a possibilidade de interação com outros aprendentes, com tutores e professores, a própria dinâmica da plataforma com a inserção de calendários e cronogramas, o uso de

recursos como fórum, wiki e chat, dentre outros aspectos que consideramos favorável para criar um ambiente propício à aquisição da língua-alvo.

A respeito do perfil do estudante, salientamos em nosso contexto que “o perfil do aprendente online está intimamente associado às condições de vida do mundo moderno e traduz uma necessidade de mercado”, de acordo com Santos Júnior (2011).

2. Métodos

Este artigo é realizado dentro da metodologia de pesquisa qualitativa, assumindo um caráter interpretativista. tomando por base os autores Denzin e Lincoln (2006: 23) que afirmam:

[a] pesquisa qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente [...] em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência.

Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado e também as limitações situacionais que influenciam a investigação. Os pesquisadores qualitativos realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado.

Os autores realizaram pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórica, utilizaram sites de busca na internet e o correio virtual para envio e recepção de documentos.

Além de analisar o Projeto Emport, disponível na internet, os autores realizaram um projeto piloto com estudantes de português do NEPPE-UNB, avaliando a metodologia que o Emport utiliza e verificando as facilidades, dificuldades, a motivação e outros aspectos que os aprendentes quizessem salientar em sua experiência com o curso.

Após um período de observação e apoio aos estudantes no laboratório de informática da Universidade de Brasília, estes voluntários responderam a um questionário com perguntas abertas e fechadas.

Foi realizado pelo grupo ELAD um levantamento sobre sites para aprender português como língua estrangeira (PLE) e outras línguas a distância. Os sites pesquisados foram: Busuu.com, Duolingo.com, ClicaBrasil, Portal do Professor de Português Língua Estrangeira, Português para Hispanohablantes, Português para Estrangeiros, PODCAST,

Portuguese: Learn Portuguese Now, Brazilian Portuguese Podcast, Brasil: Portal do Professor, EMPORTE.

Esta investigação serve de base para muitos comentários e afirmações sobre a aprendizagem de línguas a distância realizadas neste artigo.

3. Resultados

Algumas propostas para que os cursos de línguas na internet se tornem mais produtivos e atendam às necessidades de formação são levantados nos parágrafos a seguir.

O ELAD exige do professor mudanças de paradigmas e atualizações constantes. Uma dinâmica que envolve apropriar-se das tecnologias e desenvolver um novo modelo de aprendizagem. Exige que se conheça os aprendentes e o que estão buscando. Conhecer os aprendentes revela-se como fator importante para envolvimento e para atender o aspecto emocional. Conhecer suas estratégias e estilos, saber como aprendem e qual é o seu perfil, são ações que poderão contribuir para a permanência do aprendente no curso e possibilitar que ele alcance os objetivos propostos.

No projeto piloto, realizado com os alunos que estudam português no NEPPE, observamos que alguns destes estudantes não tinham muita familiaridade com cursos abertos na rede. Assim, encontrar esta possibilidade de estudar em qualquer lugar, desde que disponha de computador e internet, foi vista como positiva.

Aqueles aprendentes cuja língua era mais próxima do português, como os hispanofalantes, tiveram mais facilidade de entender os enunciados e realizar as atividades. Porém os outros solicitaram ajuda da equipe.

Como instrumento de adaptação e compreensão do funcionamento do curso é necessário que haja um bom Guia do Curso ou Manual do Aluno e especificações de configurações tecnológicas e tutoriais para orientar os aprendentes. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de considerar as dificuldades tecnológicas que podem se tornar motivo de evasão.

Em casos de cursos em ambientes virtuais de aprendizagens, com datas previstas para entrega de atividades, deve-se avaliar a quantidade de tarefas propostas dentro do cronograma do curso, evitando sobrecarregar o cursista.

Ressalta-se que as experiências dos alunos e as necessidades específicas dos estudos na modalidade AD devem ser consideradas. Nesse aspecto, canais de comunicação entre os estudantes com professores tutores e a instituição deverá ser valorizado.

Nem sempre todas as condições de aprendizagem podem ser satisfeitas com cursos auto-instrucionais. Há pessoas que não possuem o perfil para este tipo de curso, assim consideramos que é preciso criar um grupo de apoio, que pode ser composto por professores e/ou monitores que tenham um bom conhecimento da língua-alvo.

Tarefas e projetos podem ajudar muito a prover vivências na língua-alvo quando os alunos estão em contextos de educação a distância.

Salientamos ainda a necessidade de bons materiais pedagógicos para consultas livres.

A formação de aprendizes de línguas que estudam em espaços virtuais deve ser valorizada.

Financiamentos e políticas públicas que fomentem um ensino de línguas a distância de qualidade, realizado por professores competentes e em ambiente seguro se fazem necessários.

Esses foram os aspectos que ressaltamos em nossa investigação. Consideramos, porém, que não esgotamos o tema, nem cremos que seja possível fazê-lo. Assim, outras propostas e reflexões que contribuam com o desenvolvimento do ELAD sempre serão bem-vindas.

Considerações Finais

As possibilidades que encontramos a partir da evolução dos recursos tecnológicos devem nos fazer refletir constantemente, na direção de propormos formas de ensino que aproveitem as potencialidades da internet, com a intenção de proporcionarmos experiências de aprendizagem exitosas, que desenvolvam a competência comunicativa e que atendam às necessidades de formação do grande número de pessoas que buscam no ELAD, por diferentes motivos, a oportunidade de se comunicar em outra língua..

Referencias bibliográficas

- Almeida Filho, J. C. P. de. Dimensões Comunicativas no Ensino de Línguas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.
- Almeida Filho, J. C. P. Análise de Abordagem como Procedimento Fundador de Autoconhecimento e Mudança para o Professor de Língua Estrangeira. In: Almeida Filho, J. C. P. O professor de língua estrangeira em formação. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.
- Almeida Filho, J. C. P. Parâmetros Atuais Para o Ensino de Português Língua Estrangeira. Campinas, SP. Pontes Editores, 2007.
- Almeida Filho, J. C. P. Quatro Estações do Ensino de Línguas. Campinas, SP. Pontes Editores, 2013.
- Aretio, L. G. Para uma definição de educação a distância. Tecnologia Educacional, RJ, v. 16, n. 78/79, pp. 55-61, set. /dez. 1987.
- Conselho da Europa: Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas. http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Documentos/quadro_europeu_comum_referencia.pdf
- Moura Filho, Augusto Cesar Luitgards. Pelo inglês afora: carreira profissional e autonomia na aprendizagem de inglês como língua estrangeira. 2005. 281 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.
- Ramos, w. M e Medeiros, L. A Universidade Aberta do Brasil: desafios da construção do ensino e aprendizagem em ambientes virtuais. In: Souza, A. M.; Fiorentini, L. M. R.; Rodrigues, M.A. M. Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede (CTAR). Brasília: Editora UnB, 2009.p.37-63.
- Ribeiro, L.V.R, Quem sabe faz a hora: Estratégias de aprendizagem na formação em Letras Espanhol a distância. Dissertação (mestrado). Brasília: UnB, 2014.
- Santos Junior, E. S. Em versão 2.0: desenvolvendo a autonomia do aprendiz e a habilidade tradutória por meio de atividades colaborativas na Internet. In: Revista Desempenho, v. 10, n. 2, dez. 2009.
- Santos Junior. E. S. O caminho de Raniere: a jornada de aprendizagem de um peregrino online. Dissertação (mestrado). Brasília: UnB, 2011.